

O medo está vencendo

O tucano Luiz Carlos Bresser-Pereira diz que Lula erra ao manter as diretrizes da política econômica do governo FHC

Revista Forbes, edição 66, 28.6.2003

Por Leandro Modé

Ao contrário do que se pensa comumente, Luiz Carlos Bresser-Pereira não é economista. Formou-se advogado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, e só mais tarde enveredou pelo mundo dos números. Aos 68 anos, o ex-ministro da Fazenda na gestão José Sarney e ex-ministro da Administração no governo FHC surge como um dos mais consistentes críticos da política econômica do presidente Lula. Para ele, os condutores da área não fazem outra coisa senão repetir os erros do trio Malan, Franco e Fraga. Uma turma que ele tentou enfrentar, sem sucesso, durante os anos FHC. "O Lula tem medo de ser um novo Hugo Chávez." A seguir, os principais trechos da entrevista que Bresser concedeu a FORBES BRASIL:



O presidente Lula teme tornar-se um novo Hugo Chávez

O senhor concorda com a política econômica adotada pelo governo Lula até agora?

Luiz Carlos Bresser-Pereira - Eu concordo com a política fiscal e com a política de reformas que a fortalece, especialmente a da Previdência. Mas discordo completamente da política monetária. Portanto, eu concordo com o Ministério da Fazenda, mas discordo do Banco Central. A política do BC é equivocada porque combate erradamente a inflação, não controla adequadamente a taxa de câmbio e porque mantém o país não apenas estagnado economicamente. Além disso, agrava a situação fiscal por causa das altas taxas de juros.

O que poderia ser feito em vez disso?

Com a superação da crise de confiança do segundo semestre do ano passado e o fim da Guerra do Iraque, o Banco Central deveria mudar a política econômica que vinha sendo seguida por Pedro Malan, Gustavo Franco e Armínio Fraga. A política monetária de hoje, equivocada, é a mesma deles. Mudar como? Fundamentalmente, é preciso inverter a equação macroeconômica. A equação Malan-Franco-Fraga era formada por taxa de juros alta e taxa de câmbio baixa. Isso é mortal para qualquer economia.

O que deveria ser feito no câmbio, então?

O preço mais estratégico de uma economia é a taxa de câmbio, que determina o equilíbrio das contas externas e controla o consumo. Os Estados Unidos são o

único país do mundo que não controla fortemente o câmbio porque o dólar é a moeda de reserva. Todos os demais países controlam. Tudo bem abandonar o câmbio fixo ou de bandas, mas é preciso ter uma meta para a taxa de câmbio e procurar administrá-la.

O senhor escreveu um artigo recentemente em que diz que o Banco Central erra ao manter o juro alto porque a inflação atual é inercial. Por quê?

Eu chamei esse equívoco de patético, até mesmo porque os economistas do Banco Central vêm da PUC do Rio de Janeiro. E foi de lá que saíram os economistas que desenvolveram a teoria da inflação inercial. A política de juros altos e de recessão é absolutamente ineficiente para combater a inércia inflacionária. Essa inércia é o aumento indexado e, portanto, defasado dos preços. Quando se tem uma inflação desse tipo, só há dois caminhos: ou se convive com ela, o que é ruim, ou desindexa. Como fazer isso? Uma maneira é via negociação. É o Lula ou seus ministros discutirem com sindicatos e empresários dizendo que não dá para continuar.

Mas o senhor acredita que isso funciona?

Nem sempre. Na verdade, é difícil funcionar. Se não funcionar e você achar inaceitável, unifica as datas-base e faz uma tabela de conversão. Isso é perfeitamente viável. O que é inaceitável é ficar com taxa básica de juros real em 12%, 13% ou 14% ao ano. Essa taxa é um escândalo. Essa história de baixar em meio ponto percentual é ridículo. Tinha de ser 2 pontos para começar.

O que o senhor pensa sobre o regime de metas de inflação?

Para fazer uma política dessas, é preciso partir de uma economia já relativamente estabilizada. Quando adotamos esse sistema, em 1999, estávamos com uma taxa de câmbio ainda muito baixa, apesar da troca de regime cambial. Portanto, não era hora de fazer meta de inflação. Ninguém diz, mas essa política é um fracasso. Desde que o sistema foi adotado, a meta definida só foi alcançada uma vez.

Ninguém diz, mas a política de metas de inflação é um fracasso

O senhor diz que o modelo Malan-Franco-Fraga continua dominante. O governo argumenta que este é o momento de apagar o incêndio e, portanto, não é possível mudar a política econômica de uma hora para a outra.

O Lula prometeu mudar a política econômica, mas se defrontou com uma situação muito parecida com a que o Fernando Henrique encontrou ao assumir a Presidência. Naquela época, o desequilíbrio evidente era da taxa de câmbio. Mas não havia como mudar imediatamente porque a economia estava superaquecida e tínhamos acabado de sair da crise do México. Era preciso desaquecer a economia e esperar assentar a crise mexicana. Quando chegou outubro, novembro, essas condições já se haviam dissipado. Mas faltou coragem e o governo não mudou. No caso atual, temos também uma crise de credibilidade, mas acreditava que seria possível mudar quando: 1) a Guerra do

Iraque acabasse: 2) o risco Brasil caísse abaixo de mil pontos; ou 3) a taxa de câmbio baixasse de R\$ 3,20. Esses três limiares foram ultrapassados, e não há indicação de mudança. Ao contrário, há declarações do governo que são patéticas, especialmente vindas do Banco Central. Minha impressão é de que Lula tem muito medo de errar. Ele já disse a mais de uma pessoa que não quer ser um novo Chávez (Hugo Chávez, presidente da Venezuela). Mas é claro que ele não será um novo Chávez. Por outro lado, os economistas que apóiam o PT acabaram de divulgar um documento absolutamente lamentável ("A Agenda Interditada").

Por que lamentável?

Em primeiro lugar, porque tem uma linguagem desnecessária. Mas principalmente porque eles pedem para aumentar o gasto público e reduzir o superávit primário. Isso é completamente equivocado. É caminhar na direção do Chávez, é fazer populismo econômico. Concordo com a idéia deles de baixar a taxa de juros e de controlar a taxa de câmbio.

Reduzir em meio ponto percentual a taxa básica de juros é ridículo

As críticas que o senhor faz ao atual governo sempre remetem ao modelo econômico utilizado pelo anterior. O senhor sofreu muito enquanto fazia parte do governo?

Esse negócio de sofrer não é comigo. Entre janeiro de 1995 e o fim de 1996, ao menos uma vez por mês eu fui ao presidente Fernando Henrique para insistir em que era preciso mudar a política econômica. Voltei a falar disso também em 1998. Com o Malan, falei uma vez só. Como ele não estava interessado, não voltei mais. Quem está sofrendo não sou eu, são os pobres do Brasil, a classe média... É um desemprego monumental, um alto grau de criminalidade. Estamos semi-estagnados desde 1980. Os primeiros dez anos foram por causa da crise da dívida externa. Mas, depois dos anos 90, ficamos estagnados por causa da política equivocada.